



## GT 046. Música, Som e Formas Expressivas

Wagner Neves Diniz Chaves (Departamento de Antropologia Cultural/UFRJ) - Coordenador/a, João Miguel Manzollilo Sautchuk (DAN/UnB) - Coordenador/a

Expressiva, comunicacional e performativa, aglutinadora de múltiplos conhecimentos, significados e agenciamentos, a música é um campo fértil para investigação antropológica de um conjunto de temas e questões, possibilitando o diálogo entre diferentes nichos dos debates antropológicos, tais quais etnomusicologia, etnologia indígena, cultura popular, patrimônio, antropologia urbana, antropologia do Estado e análise de rituais e performances. Apostando na relativização da noção de música como categoria analítica e partindo da superação do antigo dilema que apartava análise dos aspectos sonoros e interpretação dos sistemas de pensamento e ação, este Grupo de Trabalho volta a atenção para as conexões entre múltiplos aspectos das práticas musicais e produções sonoras e seus significados sociais, principalmente as relações da música com outros meios expressivos e práticas sociais, e as dimensões técnicas e práticas do fazer musical. Tendo em vista esta perspectiva geral, pretende-se explorar os seguintes eixos temáticos: 1) música e linguagem; 2) interação no fazer musical; 3) teorias musicais nativas; 4) música, ritual e performance; 5) mediação, apropriação e identidade; 6) gravação, representação fonográfica e arquivos; 7) paisagem sonora.

### **Projeto acordes mágicos, ensino de música erudita e a construção de infâncias musicais na periferia de Fortaleza**

**Autoria:** Paula Bessa Braz

Em 2013, uma família de jovens músicos no Ceará deu início a um projeto de educação musical voltado para a comunidade do bairro em que reside: com sede instalada na própria casa da família, situada na periferia sudoeste de Fortaleza, ainda hoje o Projeto Acordes Mágicos, ou PAM, se dedica ao ensino musical erudito para a juventude periférica da cidade, tendo surgido da iniciativa de dois jovens membros da família Cruz, Axl e Maíra - os mais velhos dentre os seis irmãos, à época com quinze e treze anos respectivamente. O projeto, gerenciado e articulado pelos pais dos seis jovens músicos, conta com aulas, durante a semana, de instrumentos como viola, violoncelo, violino, clarinete, flauta transversal, dentre outros, todas ministradas pelos próprios membros da família e, em menor frequência, por professores voluntários. Aos finais de semana ocorre o ensaio da orquestra do PAM, atualmente regida por Mírian Cruz, uma jovem de 16 anos, com o eventual apoio dos demais irmãos. Como principal motivação do projeto, a família aponta a promoção da inclusão sociocultural da juventude local, assumindo para o projeto um papel de construção de uma alternativa distinta às trajetórias dos jovens moradores do bairro Novo Mondubim, marcado historicamente por experiências de violência e vulnerabilidades sociais, através do ensino musical. Ruth Finnegan (1989), ao elaborar o conceito de trilhas musicais, explora as formas pelas quais as pessoas da cidade inglesa de Milton Keynes se encontram, se engajam e participam de cenas e atividades musicais, sejam elas amadoras ou profissionais. Ao abordar, a partir desse conceito, os encontros musicais e as trocas que os atravessam no desenvolvimento de habilidades musicais, deparamo-nos, também, com elementos que vão além do estritamente musical: desde os discursos que sustentam o sistema musical exposto e aprendido, ou o próprio contexto de ensino e aprendizagem, até à rede em que aquele fazer musical se situa e se constrói. Amparada por esse conceito, procuro tecer, no artigo proposto, uma reflexão sobre as trilhas musicais dos jovens músicos da família Cruz, que venho acompanhando há cerca de um ano, no contexto local em que estão inseridos e nos seus desdobramentos para o processo de ensino e aprendizagem por eles empreendido durante os ensaios da orquestra (dos quais também participo, ora como aluna, ora como espectadora). A orquestra é composta e regida por crianças. O artigo será, portanto, balizado pelas implicações da interação



desse fazer musical (Blacking, 1995) entre os jovens professores e os jovens alunos durante os ensaios, tendo como paradigma de fundo a compreensão do caráter de agência das crianças e seu potencial criativo de ação (e re-criação) sobre o mundo (Silva;Macedo;Nunes, 2002).



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

